

MINHA
HISTÓRIA
NA
EXTENSÃO

JUNHO 2022



UNILA | PROEX

ANDRÉIA MOASSAB

QUEM É ANDRÉIA MOASSAB NA EXTENSÃO?

Eu e o Hélio, que não está mais aqui, fomos professores, e eu especificamente fui a primeira professora do curso de Arquitetura. Foi tudo muito precário na nossa instalação, os alunos já estavam aqui tendo aula, mas não das matérias das disciplinas específicas. Havia uma demanda grande dos alunos nesse contato de fato com a Arquitetura, “O que faz a Arquitetura?”. Em 2012, logo depois da greve teve um edital de extensão, e aí eu fui procurada pelos alunos. E assim, mesmo naquela loucura de ter que fazer implantação do curso, um monte de coisa acontecendo, eu não me senti confortável em não atender os alunos, de cara já orientei quatro projetos.

Os quatro diziam respeito ao Cidade Nova, o bairro ali próximo da UNILA – JU. Não existia a UNILA – JU, ainda era no centro. Então desses quatro projetos, que era um com cada aluno, um deles era fazer a parte de mobiliário da biblioteca do Cidade Nova, que tava sendo recém-inaugurada naquele período. Outro era um projeto de paisagismo ali da praça onde tá a biblioteca. Um deles era uma saída fotográfica, que inclusive é uma das coleções do MUD – Museu Digital da Unila. Nessa saída fotográfica, fizemos uma oficina de fotografia no celular lá no Cidade Nova com o pessoal do Cidade Nova, depois juntamos todas as fotos, fizemos uma seleção das melhores fotografias, mais ou menos umas 40 que integraram essa coleção. Isso foi em 2013.



Naquele momento tínhamos muita demanda e estávamos com muito contato no Cidade Nova, fizemos um projeto. Eu tinha um projeto de extensão com outros professores no Gustavo Dobrandino, uma escola no Porto Meira. Convidamos um cara de Missiones – Argentina, que faz casas com garrafa PET. Então fomos para a escola, trouxemos o cara para ensinar o pessoal a fazer as casas com garrafa PET. Fizemos oficinas com ele e depois sem ele. Os alunos bolsistas do projeto ensinaram o pessoal na escola a fazer a casa com garrafa PET. Ao mesmo tempo, alguns alunos que fizeram esse curso, ficaram com vontade de fazer essa experiência e fizemos lá no Cidade Nova.

Não foi uma casa para alguém morar, mas foi a casa do Papai Noel daquele ano. A casa com garrafa PET que eles fizeram lá com os moradores, virou a casinha do Papai Noel que as crianças foram visitar, foi bem divertido. E aí nesse período, fizemos depois um projeto na escola Gustavo Dobrandino que era “Educação para o território e os Direitos Humanos”. Ficamos um semestre dando aula. Isso foi cerca de 14 ou 15 aulas para os alunos do último ano do ensino médio, também foi superinteressante. Tem uma página no Facebook com essa ação.

O caderno Maloca número 1 que a gente publicou em 2019, ele é resultado de vários projetos de extensão que a gente fez em 2015, 2016, 2017, que eram ações lá no Quilombo Apepú, em São Miguel do Iguaçu. Tínhamos uma ação ali de mapeamento, e toda aquela ação tinha seus objetivos específicos, mas a partir daquele material todo a gente fez esse caderno Maloca que está no ar. Do mesmo jeito, o caderno Maloca número 2, que é o “Dicionário de arquitetura de terreiros”, também nasce com um projeto de extensão em 2014, que chamava “Os orixás em terras de m’boi”. Que é o seguinte, havia uma demanda da comunidade Axé em Foz do Iguaçu para se mapear os terreiros da cidade. Essa demanda foi intermediada por um aluno que era estudante da Unila e também era vinculado aos terreiros aqui em Foz.

E nessa época eu dei uma disciplina que é optativa no curso de Arquitetura, que foi ‘Arquiteturas Brasileiras’. Então, em paralelo a disciplina teve o projeto de extensão e os bolsistas do projeto frequentaram essa disciplina. As duas coisas foram se alimentando. Fizemos esse primeiro levantamento, mas com a ideia de fazer também um levantamento que não era só colocar o ponto no mapa, mas entender a história daquelas casas, daquele espaço, daquela espacialidade. Resultou em um diagrama superinteressante que eu tenho usado bastante em aula, palestra, que é a relação dos terreiros com a natureza e com o espaço da cidade.

Fomos tentando destrinchar essa coisa da arquitetura de terreiros, pois não tem trabalhos em arquitetura sobre isso. O projeto acabou agora em 2021, 7 anos depois, esse assunto vai virando vários outros assuntos, vai tendo os seus desdobramentos e culminou numa outra publicação, que também é divulgação científica. Para mim está muito entrelaçada a extensão, com a pesquisa e ensino. Também tivemos um projeto de pesquisa, que chamava “Arquiteturas afro-latinas”, que acabava dialogando tanto com o projeto de extensão “Apepú” quanto com o projeto de extensão no terreiro. E esse trabalho resultou em um vídeo de 5 minutos que chama “Arquiteturas afro-latinas”, bem legal! Enviamos o vídeo para a Bienal de arquitetura do Chile em 2017.

Esse vídeo é resultado de vários projetos de extensão e de pesquisa. Uma das categorias da Bienal é universidades, a Unila foi a única universidade brasileira a estar presente nessa Bienal do Chile. Um aluno levou uma

maquete que a gente tinha feito aqui e também apresentou o vídeo. Eu não me lembro se esse aluno era o bolsista da extensão e da pesquisa, porque como eu te digo, as coisas vão se juntando e se complementando. Acho que o Giovane era aluno da pesquisa de arquitetura afro-latinas, mas é difícil separar, ainda mais com a memória.

Em 2015 eu fiz lá na UNILA centro uma exposição para marcar o dia da África, que é o dia 25 de maio. Teve uma exposição, uma mesa de debate e uma mostra de filmes. A exposição era sobre a Arquitetura Africana, E depois virou uma página no Facebook que chama “Arqui_áfrica”. Eu acho que foi o único dia da África, não sei se depois teve sequência, se outros professores se interessaram, talvez por ter poucos alunos africanos na UNILA não teve muita ressonância, mas aonde tem bastante aluno africano, costuma ser importante marcar a data do dia da África. Como você vê, é uma vasta trajetória aí na extensão.

Ah, tem outro muito bacana, esse também foi muito legal porque fizemos uma parceria com o sindicato dos professores da rede básica de Foz do Iguaçu. O nosso sindicato docente da UNILA fez um curso de formação de professores sobre Ecologia e Sociedade na América Latina e um curso sobre Educação Ambiental para Professores da Rede Pública. Foi bem legal! Acho que foram umas 8 aulas e as aulas aconteceram em uma escola do centro, agora não lembro o nome da escola, mas foi muito bacana, com vários professores, mais ou menos uns 20 professores frequentaram todo o curso. Foi bem bacana! Acho que é isso que eu me lembro.

Tem uma coisa importante, o curso de arquitetura da UNILA é muito extensionista. Tanto é que nesse debate da curricularização da extensão, para nós, vai ser relativamente fácil porque de fato somos um curso extensionista, não só o perfil docente, mas o próprio PPC faz essa ponte com bastante força. Então eu acho que isso é uma coisa bacana também, de destacar 'Como é que o ensino se alimenta da extensão?'. 'Como é que produz conhecimento a partir da extensão?', no caso, a pesquisa, que essas coisas não estão separadas. O que eu quero dizer é o seguinte:

“Não é que eu vou na extensão e levo conhecimento para a comunidade, eu construo conhecimento junto com a comunidade”.

Então de alguma maneira estou produzindo esse conhecimento e fazendo ciência, mas via extensão. É legal imbricar de fato, fazer o tripé funcionar. Estamos tentando fazer isso no curso de arquitetura. Não sou a única professora, você vai perceber essa relação bem orgânica na medida em que conversa com os outros professores da arquitetura.

Conhecer a trajetória das(os) extensionistas faz da extensão um lugar especial na universidade.

Essa foi a história de Andreia Moassab.